

Maio, Junho
e Julho de 1969

—
Publicação
mensal

Estudos

Série M 2

—
N.º 4

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

Psicologia e educação

AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O «MUNDO SOCIALISTA» E AS IRREALIDADES DA CONCEPÇÃO DO «MUNDO COMUNISTA» — XIV

Psicologia das diferentes classes sociais — Polivalência do género humano — Psicologias das diferentes classes sociais

A «RACIOLOGIA» E O PROBLEMA DO «RACISMO» — VI

A diferenciação das características das «raças» — Incompatibilidade do condicionamento linguísticos — Cronologia migratória, em relação com os grupos sanguíneos

AS GORDURAS, OS HIDRATOS DE CARBONO E A ARTERIOESCLEROSE

OS RUÍDOS

A sua acção sobre o organismo e a sua influência sobre a higiene mental

A BRONQUITE CRÓNICA E A «INCAPACIDADE PARA O TRABALHO»

O «SINDROMA HIPPIE»

ESTUDOS SOBRE A PSICOLOGIA COLECTIVA — IX O instinto gregário e a interacção das vagas de imitação

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTONIO J. LEITE SARAGAMO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA
Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Sala
Est.
Tab.
N.º

UM TRANQUILIZANTE PARA CADA CASO

Tranquilizante geral

Probamato

Menopausa
Excitações nervosas
da mulher, devidas
a insuficiências
ováricas

Insuficiências cardíacas
Taquicardia
Taquiarritmia
Cardiosclorose
e em geral:
Excitações nervosas
dos cardíacos

Probonar

Pendulon

*O Probamato e as suas associações, consti-
tuem o melhor tratamento contra os diversos
estados de ansiedade, nervosismo e excitação*

Maio - Junho
e Julho de 1969

Publicação
mensal

Estudos

Série M 2

N.º 4

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAGAMO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Psicologia e educação

AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O «MUNDO SOCIALISTA» E AS IRREALIDADES DA CONCEPÇÃO DO «MUNDO COMUNISTA»

XIV

PSICOLOGIAS DAS DIFERENTES CLASSES SOCIAIS

Vamos continuando o estudo deste problema, que julgamos de grande interesse e que, pela sua complexidade, é necessário estudar desde as suas origens até aos seus aspectos actuais.

Dualismo e polivalência do género humano

O grande problema do movimento da «libertação das consciências», iniciado por uma filosofia da «Supremacia do trabalho», foi o reivindicar para si próprio o direito a uma ciência positivista, de decidir sem qualquer compromisso, o que devia ser considerado como eterno, o que não tinha o direito de o ser e de saber o que era consciente ou não.

Marx e Engels conceberam hábilmente esta necessidade psicológica do homem, que procura simplificar a sua ética, criando um dualismo,



do «bem e do mal» e procurando separar claramente a humanidade em dois vastos campos inimigos, irreconciliáveis, preparando-os para uma luta, a que se seguiria uma vitória franca de uma das partes. Mas a humanidade, contra aquela concepção, apresenta uma grande variedade de aspectos, de tendências, uma complexidade tipológica no plano das aptidões fisiomorfológicas com diferentes psicologias, o que não permite simplificar o problema dos antagonismos humanos pela simples oposição de dois pólos sociais opostos, cada um deles limitado por um conjunto de convicções fixas e não intercambiáveis. É um pouco, como se se quisesse classificar a psicologia animal, baseando-se unicamente no critério do grupo dos herbívoros, oposto ao dos carnívoros. O homem é fisiologicamente e psicologicamente um «omnívoros»; tem a ambição, natural, de dominar o seu próximo e ao mesmo tempo a necessidade de ser auxiliado e, sobretudo, amado por ele.

O «marxismo», tendendo para englobar todo um universo humano em uma epopeia de *entidade total*, em uma *superclasse única*, tornada o seu próprio «auto-ideal», juntava um universo de necessidades e aspirações diversas. Negando durante muito tempo a existência de uma hereditariedade genética diversificadora, apoia-se sobre a convicção de que os homens nascem iguais e que somente a influência do meio ambiente e educativo (caracteres adquiridos e susceptíveis de se transmitir, por via somática, de uma geração para outra) é que podia fazer à vontade os seres semelhantes.

No interior do seu próprio complexo humano, como no seio de qualquer outra sociedade, o «mundo marxista» teve de enfrentar a diversificação dos sub-grupos, das infra-sociedades, de diversos temperamentos raciais e de psicologias étnicas irredutíveis. É esta a tragédia do socialismo soviético russo!

Muitos adeptos do *colectivismo* (e sobretudo do *igualitarismo*) tentaram negar estas diferenças mas, de facto, as intrigas psicosociais que aparecem em qualquer dos agrupamentos humanos, apresentam-se com os mesmos aspectos no seio dos povos e dos dirigentes em via de socialização.

Psicologias das diferentes classes sociais

O problema mais essencial da psicobiologia é a noção de «classe» que, no entanto é difícil de definir. Segundo diz o dicionário, uma classe corresponde ao «grupo que a diversidade e desigualdade das condições estabelece entre os homens, reunidos em uma «sociedade», ou ainda, um grupo de cidadãos em uma repartição, sob o ponto de vista político ou civil «do seu grupo total».

No entanto, o conceito de *classe social* deve ser separado do de simples agrupamento imposto pela diferenciação das *actividades económicas* (como a plebe ou os trabalhadores, a suzerania ou a sociedade dos comerciantes), ou os *agrupamentos de direitos especiais* (como o Estado, as Ordens religiosas, as castas e as irmandades) ou ainda *jurídico-organizadoras* (como as corporações ajuramentadas) ou a *notoriedade* reservada a certas classes, tais como o clero, os juizes e as funções públicas ou governamentais.

A maior parte destas organizações especiais, pertencem ao termo de organização que Gurvitch reserva para deveres colectivos pré-estabelecidos, que são fixados, hierarquizados, centralizados, segundo certos modelos estabelecidos em esquemas mais ou menos rígidos. Para o mesmo autor, as «classes sociais são agrupamentos, particulares de facto, e caracterizados à distância pela sua suprafuncionalidade, pela sua tendência, por uma estruturação nitidamente solidária e forte, à penetração pela sociedade global e a sua incompatibilidade radical para com as outras classes». Estas classes sociais são «superagrupamentos particulares de larga envergadura», que representam *macrocosmos* de vários agrupamentos subalternos», como define ainda Gurvitch.

As concepções sobre *classes sociais* têm sido abundantemente discutidas ou criticadas por numerosos especialistas, como M. Halbwachs, P. Sorokin e outros. Conclui-se pois, que, psicologicamente falando, este problema junta-se ao grande capítulo das relações entre a mentalidade e uma ideologia pessoalmente integrada, isto é, uma «tomada de consciência» real e vivida do «Eu fenotípico» em face de uma personalidade, a *sua personalidade*, mas mais ou menos imposta por uma condição humana, formada do exterior (educação, género e nível de vida, direito hereditário, etc.) mas muito dificilmente escolhida voluntariamente (casos de convicção ideológica privada, posição de «novo rico», etc.).

As «classes sociais» determinam uma estruturação que, como diz Gurvitch, «implicam uma consciência colectiva predominante para trabalhos específicos de civilização»; mas nota: — «estes agrupamentos, que só aparecem nas sociedades globais industrializadas, em que os modelos técnicos e as funções económicas são particularmente acentuadas têm, além disso, as seguintes características: — são agrupamentos abertos à distância, de facto, a divisões, permanentes ou sem organização detalhada, só possuindo deveres condicionais».

Daquí resulta que a consciência de *pertencer a uma classe*, não está especificamente ligada a um factor de riqueza ou de pobreza, de posse ou de não-posse, mas congloba essencialmente toda a complexidade da formação de um «Super-Eu»; trata-se mais de *pertencer a um «mundo»*, de que a uma actividade ou a um comportamento. Assim, um nobre exilado e deserdado, constringido a ganhar modestamente a sua vida, como qualquer empregado de classe inferior, pode conservar um «complexo

de superioridade» para qualquer que lhe pareça inferior ou mesmo para um comerciante rico, um grande proprietário ou industrial, mas de origem modesta.

Cada classe social constitui «um mundo» e desejaria constituir um «mundo único» superior, dentro do qual todos os agrupamentos podem conservar todas as suas rivalidades e antagonismos colectivos ou individuais.

Ambiguidade psicológica das «classes»

A ambiguidade psicológica que se atribui às classes nos tempos modernos, proveio da qualidade afectiva que nelas introduziram Marx e Engels, na sua definição dos grupos irremediavelmente inimigos e irreconciliáveis, como eles queriam colocá-los psicologicamente, no seu plano de organização revolucionária, em contraste com o que sucede no campo privado, em que o factor *simpatia*, não está de forma alguma ligado à condição social. A amizade e até o amor pode unir perfeitamente pessoas com situações sociais inteiramente diferentes, prontas mesmo a sacrificar-se para se defenderem mutuamente (como o exemplo da amizade fiel e camaradagem dos antigos combatentes, antigos escuteiros, antigos alunos da mesma escola, amigos da juventude, etc.).

Uma classe social criada pelos literatos ou pelos artistas constitui realmente um agrupamento de grupos, mas se, como pensava ou dizia Karl Marx, a história e a evolução da humanidade não eram mais do que uma sucessão de luta de classes, nunca teria sido viável a marcha de qualquer civilização ou cultura. Os antagonistas servem-se fundamentalmente das «lutas de ambições» em que cada indivíduo, mesmo que seja o mais insignificante dos *párias*, só pode suportar a sua existência, graças aos seus sonhos sobre a ambição de se tornar um dia, de preferência só, um grande deste mundo.

O que é intuitivo no homem é a necessidade de subir de situação pessoalmente, acima de todos ou mesmo de alguns cidadãos da sua classe. Para que o homem possa atingir a concepção de um mundo ideal onde não houvesse senão uma classe, no seio da qual ninguém teria um grau superior ao dos outros, mas em que cada um gozasse das mesmas vantagens dos outros, seria necessário que ultrapassasse a condição da natureza humana, que adquirisse novos caracteres biológicos e psíquicos que lhe não permitissem o instinto natural de possuir uma força dinamo-génea maior do que o desejo ambicioso do instinto de conservação...

Para conseguir isto, os dirigentes deviam tornar conscientes, as classes sociais, de que o verdadeiro risco de morte, corrido pelas ameaças de destruição e de eliminação provocadas por uma sociedade antagonista, poderia realizar-se, e que por isso era aconselhável e inteligente um

arranjo de equilíbrio. Mas é justamente o contrário que fazem os dirigentes revolucionários, que garantem sempre a vitória final, com a satisfação de todas as ambições e, por isso, agitam sempre a ideia fixa do *inimigo* (do anti-ideal do Eu) para consolidar a agitação e a revolução.

Interrompemos este estudo, que prosseguiremos no próximo artigo, para uma pequena paragem nesta sequência, que nos permita fazer algumas considerações sobre o raciocínio dos agitadores, especialmente da Rússia e da China.

Como atrás dissemos, o problema da unificação de mais de uma centena de povos e de línguas que constituem o império russo é um difícil problema, quer sob o ponto de vista político, quer sob o ponto de vista social; ainda seriam necessários mais de cem anos para que todos aqueles povos pudessem sentir uma ideia comum de «pátria». Por isso pensamos que a tarefa dos dirigentes russos é incomensurável e, por vezes trágica.

A Rússia vê-se obrigada a subjugar todos os discordantes, a submeter todos os cidadãos a uma disciplina de ferro, sem qualquer tolerância, mesmo que seja contrária ao sentimento afectivo de qualquer dos dirigentes; mas na ambição de conseguir essa unidade, tem de ser inflexível!

Toda a Rússia está transformada em um vasto laboratório de estudo, em que são seleccionados duramente os estudiosos, para criar uma elite de homens, capazes de enfrentarem os seus múltiplos problemas e procurarem as suas variadas soluções.

Actualmente, as ideias de Karl Marx, de Engels e de Lenine, estão largamente ultrapassadas! — Os dirigentes russos, sabem hoje que os problemas não podem todos ser solucionados pela força, que às vezes, só por si, é contraproducente.

Neste vasto laboratório, em que se procura estudar, desapaixonadamente, cada um dos problemas, psicológico e social, visto se ter chegado à conclusão, de que um homem é um complexo e que as medidas só serão bem aceites se forem humanas, são dados os elementos colhidos pelos sociólogos aos políticos, para estes estudarem a oportunidade de os aplicar ou adaptar.

À primeira vista, a opinião geral era de que o trabalho seria facilitado, conquistando a Europa toda, para mais facilmente serem aplicados os problemas de evolução dos diversos grupos sociais, unindo-os por meio de uma disciplina geral. Muito mais tarde, chegou-se à conclusão de que a China mantinha a sua velha ambição de conquistar a Europa e, principalmente, a Rússia que, apesar de todas as camaradagens aparentes do mesmo ideal, continuava a manter o seu poderio sobre tantos milhões de asiáticos, que se sentiriam mais libertos se a China os tornasse independentes; por isso a China, gritando bem alto os seus princípios comunistas, incitava a Rússia a lançar-se sobre a Europa, de cuja luta

sairia enfraquecida; era então o momento para conseguir as suas antigas ambições, lançando-se, sob qualquer pretexto, na conquista da Rússia, conquista que se estenderia posteriormente até ao resto da Europa.

Os russos, porém, *abriram os olhos*, no que foram auxiliados pelos americanos e quando chegaram à conclusão de que já não eram mais do que os instrumentos da ambição chinesa, arrepiaram caminho, o que determinou uma reacção violenta da China, que por seu turno, começou a empregar um novo «slogan», o *revisionismo*, para criar o *Anti-Ideal* e enfraquecer, procurando colocar contra a Rússia, muitos comunistas da Europa, da América e da África. O próprio Krutchev talvez fosse arrastado em parte, por esta campanha.

No entanto, o «Laboratório» não existe apenas para além da «cortina de ferro»; do lado de cá, também há muitos sociólogos debruçados sobre o mesmo estudo.

Verificou-se que a «segurança no futuro», não só era justa, como era o melhor argumento de conquista dos comunistas; os problemas de segurança futura e do auxílio presente, consignando novos direitos e vantagens, têm surgido de ambos os lados e está a proceder-se a um paralelismo que parece tender para uma quase unificação. Por outro lado, a convivência de um lado e outro, tem aumentado com os congressos, competições, exposições e feiras, especialmente nas repúblicas soviéticas não russas; as trocas de impressões, as visitas e o trabalhos em congressos tem aproximado, até certo ponto, o cientistas e os políticos. Há já muitas concessões, de um e de outro lado.

Podem os optimistas pensar que já estamos próximos de uma convivência, com semelhança de atitudes e de pensamentos que tenda para um equilíbrio entre os dois sectores. Será possível?

A resposta é muito difícil! — Ainda que haja pormenores em que é possível encontrar um arranjo ou solução completa, as soluções basilares ainda estão longe, em virtude de oposições de planos, oposições de psicologias e pela dificuldade ou mesmo impossibilidade de transformar os «slogans» que durante muitos anos serviram para a propaganda contra as classes burguesas, colonialistas, imperialistas, etc.; é muito difícil dizer ao povo simples que o que era verdade indiscutível, já não é tão verdadeiro, senão em parte...

Mas o que é certo é que alguma coisa se vai fazendo... Não devemos no entanto ficar demasiadamente confiantes... o que poderia fazer retrogradar o trabalho de compreensão dos dois lados e da cedência de posições, até aqui irreconciliáveis.

Temos no entanto o direito de esperar... mas muito cautelosamente e nunca... confiadamente.

Feitas estas considerações, que podem ser consideradas como um parentesis no meio do estudo metódico, vamos continuá-lo no próximo número com um estudo sobre a «delimitação das classes sociais».

A «RACIOLOGIA» e o Problema do «Racismo»

VI

A DIFERENCIAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DAS «RAÇAS»

Continuamos a desenvolver o complexo estudo da Raciologia. Tratámos no número anterior da «Tenacidade das línguas e flutuações biológicas», da «Formação psicossomática da personalidade ariana», e da «Diferenciação entre o ariano e o germânico»; vamos prosseguir:

Resistência tipológica à «arianização»

Podemos concluir que não existe nenhum idioma específico «proto-ariano», exclusivamente atribuível a uma raça proto-ariana, a qual possuía, como qualquer outro povo, um vocabulário de palavras próprias mas que na sua origem podia também ser utilizado sob uma forma poli-semântica ou aglutinante, como se deu com os povos mongóis ou uralo-altaicos.

Mas existe claramente, biologicamente e morfológicamente, uma componente racial proto-ariana, caracterizada, entre outras, por uma certa mentalidade linguística, isto é, por uma certa predisposição psíquica constitucional, por uma «dimensão do pensamento», adquirida sem dúvida por uma mestiçagem, em uma época pré-histórica, pelo encontro de raças, em um fluxo e refluxo de migrações, evoluindo entre os altos do Indus e o sul da Rússia.

Estes cruzamentos genéticos estavam, além disso, em relação com um modo de vida preferencial (hierarquia da família, divisão do trabalho) de que a sintaxe linguística seria o reflexo, bem como o vestuário, os utensílios ou os atributos reservados a cada membro de uma colectividade, segundo a função e o papel especializado que tiver de desempenhar.

Sendo a mentalidade de este novo complexo étnico, particularmente de organização e eficácia, as suas tribos conquistadoras tinham a tendência para impor aos povos arcaicos que dominavam, a sua maneira de pensar, assimilando no decurso das suas peregrinações, a linguagem apreendida nos povos ocidentais não arianos, no interior dos quais eles se iam progressivamente fundindo.

A superioridade gramatical da inteligência ariana era tal que, para poderem assimilar as novas formas de civilização os europeus não arianos, foram levados a «arianizar» toda a herança dos seus antigos vocabulários ligados aos seus idiomas arcaicos de tipo aglutinante.

Os descendentes biológicos do «tipo ariano» tinham uma predisposição para o nomadismo activo e quando partiam para o Oriente, reexportavam palavras recebidas do Ocidente, fàcilmente retidas na sua memória, já arianizada.

Reciprocamente, as etnias que não se tinham, conjuntamente e biològicamente arianizado, podiam ficar refractárias à mentalidade linguística dos invasores. Assim, verifica-se na Europa que as línguas modernas são tanto mais afastadas da fonética e da gramática arianas, que são muito ricas e com várias modulações, que a percentagem serológica do sangue B é fraca e que a morfologia é afastada do tipo «longuilíneo anguloso» (especialmente nos povos juntos às margens do Oceano Atlântico). Sabemos que os Vascos foram o último bastião racialmente e culturalmente mais refractário à arianização (não têm o sangue B) e que guardam, no seu bilinguismo que lhes foi imposto, uma preferência afectiva, inabalável, para a forma aglutinante do seu pensamento verbo-conceitual.

Incompatibilidade do Condicionamento linguístico

No Extremo-Oriente, a «mentalidade mongol» poderia ser considerada como refractária à «mentalidade ariana», pois, por exemplo, a penetração notável do sangue B na China, não coincide com qualquer influência sobre o carácter monossilábico e polisemântico da língua do extremo Oriente e que a penetração mais modesta, deste sangue no Japão não destruiu o carácter aglutinante da sua língua, forma tão característica das línguas siberianas, turco-altaias, amerídias.

Pode-se concluir que, se a mentalidade ariana pôde exprimir, a partir de outros factores psicológicos, no seio dos povos orientais, mongolóides, polinésios, (autoritarismo, disciplina, ambição, espírito de conquista e de aventura, etc.) a difusão do espírito de uma língua, aparece como o elemento mais vulnerável.

Quando se compara a durabilidade dos utensílios ou dos hábitos artísticos fixados nos materiais ou à permanência hereditária dos temperamentos, que impõe gestos, ordens e mesmo, até um certo ponto, a lembrança de palavras isoladas (que se perpetuam, particularmente na toponímia, com uma notável continuidade), os hábitos idiomáticos e gramaticais (quando não estão fixados pela escrita) são o que há de mais efémero e subjectivo na transmissão das técnicas de reflexão, ao passo que, os sons verbais como as árias musicais, inteiramente condicionados por impressões afectivas, têm uma extraordinária durabilidade, através das gerações.

Pelo que respeita à fragilidade da transmissão das syntaxes, que contrasta com a tenacidade das palavras, o Oriente e o Ocidente, tiveram

reações totalmente antagónicas. Os povos mongóis caracterizam-se por uma forma intuitiva, sintética, globalizante, da inteligência, que é muito «monobloco e coagulante» nos chineses, mais «separatista-combinadora» nos japoneses e muito mestiçada nos polinésicos e nos povos de origem siberiana.

Os Cro-Manhons e os outros Europeus arcaicos ocidentais, são caracterizados pela facilidade com que, guardando os «substratuns» indígenas, abandonaram a sua forma primitiva para adoptarem os dos que chegavam de novo, enquanto os povos aparentados com os Hamitas euro-africanos se encontravam em uma situação intermediária.

Cronologia migratória em relação com os grupos sanguíneos

O recente estudo dos «grupos sanguíneos» veio esclarecer a marcha das mestiçagens entre os povos do Oriente e do Ocidente.

Resumindo as observações anteriores:

1 — Quanto mais a língua tem um carácter indo-ariano (como precisamente na Índia) mais estes povos têm o sangue B e um certo «fácies» anatómico.

2 — A invasão dos proto-arianos do sangue B na Ásia Oriental (realizada, a princípio, pelos portugueses) realizou-se antes que os mecanismos da língua virtual indo-europeia, formassem um centro crescente no meio linguístico «peri-chinês», de mentalidade puramente aglutinante. Começou no entanto pela fixação de novas palavras portuguesas, designando sobretudo actos ou objectos que até aí não conheciam.

3 — O ariano linguístico e biológico, caracterizado por uma mentalidade «de flexão», foi criado a partir de uma «mestiçagem racial cultural» e linguística, entre duas formas primitivas de linguagem.

4 — Talvez uma forma linguística nova, pudesse estar próxima do sino-mongol e compartilhada pela fonte arcaica proto-ariana do sangue B, que se espalhou efectivamente desde a Ásia Central, por muito tempo isolada do mundo ocidental, por causa dos gelos e pântanos que barravam o caminho do Oeste; a outra forma interessou as línguas da família das línguas aglutinantes (caucásica, proto-hamítica, etc.) que eram exclusivamente partilhadas por todos os outros povos da Eurásia e com extensão para a África do Norte.

Da mesma forma que os cruzamentos entre duas raças muito diferentes podem dar aos seus produtos, novos caracteres, anatómicos e psíquicos desconhecidos nos pais que lhes deram origem, também se dá o choque entre duas mentalidades e línguas tão antagónicas, como por

exemplo, as do tipo chinês em relação ao tipo vasco, dando origem a formas de expressão inteiramente novas.

Estes choques deram origem a uma programação psico-funcional que criou a «dimensão ariana», não só de mecanismos linguísticos, mas também de mecanismos cerebrais, que podem exprimir-se por novos comportamentos sociais. Pode falar-se de uma forma de «análise lógica do pensamento», que favorecia, particularmente, os conceitos abstractos da inteligência.

Esta condição étnica, parece psicossomáticamente realizada especialmente pelos cruzamentos em partes iguais entre o tipo centro-asiático aparentado com o sangue B e o tipo euro-siberiano dos Cro-manhons (mestiçagem que nós sabemos que é responsável pelo processo genético da despigmentação). É esta a razão porque se podia pensar que a cultura e a morfologia anatómica dos arianos eram tanto mais evidentes e puras, pois interessavam os prototipos genéticos do Báltico ou nórdico-orientais, dos quais os lituanios eram os representantes atávicos mais antigos.

Mais do que uma raça, uma etnia ou uma nação, o ariano ou o arianismo é um fenómeno antropológico. Desde que se adianta um processo dinâmico na formação e transformação das raças primitivas, isto é, dos mecanismos canalizados pelas regras estrictas da genética, pode-se ficar autorizado a considerar esta nova criação evolutiva, como um facto racial, como um novo agrupamento humano bem caracterizado e específico da Europa histórica.

Seria possível conceber uma nova base técnica, menos basilar do que esta que considera o Ariano, como criador de uma quarta forma de linguagem, ainda muito mais aperfeiçoada e flexível do que a do grego antigo, por exemplo? — Esta linguagem, de dimensões ainda mais complexas, este organismo ainda mais superior do pensamento, já existe, que é o das matemáticas modernas.

As matemáticas, os cálculos, estão a constituir um verdadeiro idioma, que é talvez a linguagem da Natureza e do aperfeiçoamento encefálico humano. Toda a civilização técnica especificamente europeia, depende da hipertrofia da lógica racional expressa nos mais altos graus do pensamento matemático, para os quais Einstein resumiu, em um só homem todo o complexo da raça branca — atingindo os maiores segredos do Universo.

Universalidade e asintonia

O estudo do «fenómeno ariano, levaria a uma noção de universalismo, se não se verificasse que na Europa, os povos que não pertencem antropológicamente a um mesmo conjunto étnico não estavam, pelo contrário, diferenciados por uma reacção psicológica de asintonia, isto é, com uma tendência separatista e isolacionista.

Em comparação com o espírito coagulante dos chineses, com a fluidez dos povos nómadas turco-mongóis ou, pelo contrário, com a mentalidade inversa que aflige as raças pigmentadas à divisão na concentração dos núcleos étnicos (como no espírito das castas na Índia, das tribos em África, dos «acampamentos» dos amerídeos do Norte) os Europeus são caracterizados por processos de «oscilações colectivas», isto é, tendência para se agruparem entre povos semelhantes, pelo instinto de aumentar a força pelo número e a tendência destes mesmos agrupamentos para se separarem desde que a conquista se completou.

É verdadeiramente a esta flexibilidade entre duas tendências complementares de sínteses étnicas e culturais, na função de simpatia e da precisão e concentração das personalidades nas reacções negativas da asintonia (cada uma das funções, fortemente animada por uma energia muito somatotónica) que se verifica o destino particularmente construtivo e criador do complexo europeu, em relação com o tradicionalismo e a apatia da maior parte dos outros povos. «Construir um conjunto e só depois aperfeiçoar» é o comportamento característico e progressista dos povos europeus, em comparação com o «espírito de massa» dos chineses e a incorrigibilidade do espírito de divisão ou de dispersão, mais normalmente observado nas raças pigmentadas.

No sector da caracteriologia, os Proto-mediterrâneos hamíticos tinham um temperamento muito sintónico (sociável, extravertido), com uma polaridade muito venusiana (pacífico, serviçal). Os tipos semíticos, que se formavam, especialmente no Próximo-Oriente, eram igualmente sintónicos, mas esta sociabilidade era combinada com uma polaridade muito combativa, o que dava ao seu espírito de agrupamento disciplinado, uma natureza de conquistador e imperialista. A origem «euro-siberiana» dos caçadores cro-manhons, extremamente somatotónica, dinâmica, de polaridade necessariamente combativa tinha, se pertencesse à mesma família racial dos amerídeos do norte (peles vermelhas), um espírito muito mais particularizante, isto é, asintónico, introvertido e com um estreito campo de consciência.

Se se atribui à fonte centro-asiático do sangue B um temperamento semítico e, pelo contrário, uma tendência pedomórfica ao tipo alpinisante da Europa Central, compreendemos todas as «nuances» das personalidades que se podem formar a partir das associações mais complexas e a polivalência psicológica das etnias europeias, na riqueza das combinações genéticas disponíveis.

Pela exaustiva exposição, que temos feito, da evolução do homem, ligada à evolução da língua, verificámos como foi interessante este exaustivo estudo, que ainda não terminou pois, antes de tratarmos da «raça portuguesa» ainda vamos tratar no próximo número, de outros aspectos do problema, principiando pelo «Campo de consciência e separações étnicas».

AS GORDURAS, OS HIDRATOS DE CARBONO E A ARTERIOESCLEROSE

Este problema tem sido tratado em muitas comunicações, em vários congressos, e em vários artigos de revistas médicas. Hoje, porém, há várias opiniões que, depois de vários estudos e investigações, se deve culpar mais a falta de exercícios físicos, a vida sedentária e o «stress» da vida moderna, como causas de desenvolvimento da hipercolesterolemia e da arterioesclerose.

É esta a opinião que o Dr. G. Bickel expõe no «editorial» da revista «*Medicine et Hygiene*» de 26 de Março de 1969; em que diz:

Pelo que respeita à alimentação, parece já assente que a moderação e a frugalidade têm uma importância não menor — e talvez ainda maior — que a restrição das gorduras.

Diversos autores têm demonstrado que o abuso dos hidratos de carbono e mais particularmente do açúcar, não é menos nocivo do que o consumo exagerado das gorduras. Esta noção, ainda que tivesse sido apontada, desde 1957 por Ahrens, só foi desenvolvida devidamente, quando Yudkin e Roddy, há quatro anos, estudando comparativamente a razão alimentar de três séries de indivíduos, uns atingidos de doenças coronárias complicadas de infartos do miocárdio, outros de arterites dos membros inferiores e o terceiro grupo sem qualquer manifestação de arterioesclerose.

Verificaram que as pessoas dos dois primeiros grupos consumiam uma razão média de açúcar superior em 44 por cento do 3.º grupo (grupo-testemunha). A maior parte deste açúcar era consumido no chá ou no café, de tal forma que se poderia pôr a hipótese de o chá ou o café serem mais do que o açúcar, responsáveis pelo desenvolvimento das afecções vasculares.

A responsabilidade do café e do chá, depois das investigações, foi rapidamente afastada. Estatísticas diversas mostraram que se produziu, na primeira metade do século XX, uma transformação fundamental na alimentação dos países, chamados civilizados, no sentido de se diminuir consideravelmente o consumo da maior parte dos hidratos de carbono, especialmente dos cereais e das batatas, enquanto o consumo do açúcar e dos alimentos ricos em açúcar aumentava progressivamente.

O consumo das gorduras e, mais especialmente, dos ácidos gordos não saturados, só teve durante este período um aumento muito mais modesto.

Por outro lado, sabe-se já há algumas dezenas de anos — o que foi confirmado recentemente por Ringsbury — que as pessoas que sofrem de arterioesclerose apresentam uma diminuição, muitas vezes muito importante, da sua tolerância para o açúcar, que se manifesta particular-

mente nas investigações da hiperglicemia provocada ou nas análises de urinas dos diabéticos.

Em uma recente publicação, Kendall atribui o papel do excesso do açúcar, ao facto da integridade da parede arterial. O equilíbrio manter-se-ia facilmente, quando a ração de hidrocarbonados se compõe essencialmente de farináceos, alimentos de que a digestão e a metabolização pelo facto da sua lentidão, só provocam variações pouco importantes da glicemia e da insulinemia. — O equilíbrio rompe-se, pelo contrário, quando a alimentação é especialmente rica em açúcares refinados, glucose e sacarose em particular, alimentos de que a ingestão provoca uma flecha de hiperglicemia, de instalação rápida, seguida de uma hipoglicemia reaccional. Produz-se, de facto, 4 a 5 horas depois das refeições, uma falta momentânea de glucídios, ao nível das paredes vasculares, o que permite às beta-lipoproteínas depositarem-se no interior das artérias.

Assim se explica, segundo a teoria de Kendall, a frequência relativa do atheroma nos países ricos, onde o consumo dos açúcares refinados é avultado e a sua existência excepcional nas regiões económicas menos privilegiadas.

O Dr. G. Bickel acentua que após os vários estudos e investigações, vários cientistas chegaram à conclusão que «se deve culpar mais a falta dos exercícios físicos, a vida sedentária e o «stress» da vida moderna», como causa principal da arteriosclerose e degenerescência muscular, ligada à obesidade.

Bibliografia dos assuntos tratados neste artigo

- T. H. Ahrons, J. Hirsch S, T. T. Tsaltas, etc.: «Lancet», I, 943/63, 1957.
 F. E. Kendall: «Circulation», 36, 340/44, 1967.
 K. J. Kingsbury: «Lancet», 2, 1374/9, (1966).
 J. Yudkin e Roddy: «Lancet», 2, 6, 8 (1964).

CURIOSIDADES

O lago mais profundo que se conhece é o «Baikal», na Ásia, que mede mais de dois mil metros de profundidade.

— Os astrónomos afirmam que seriam necessárias 680.000 luas como a nossa, para igualar a luz do sol.

— Os goivos, de flor violácea, cheiram mais de noite que de dia.

— Uma omelete feita de um ovo de avestruz, chegaria, à vontade, para seis pessoas.

— O rio mais extenso da Europa é o Volga, com 3.400 quilómetros.

• Portugal possui a barragem, de rio, mais larga da Europa. Essa barragem é a de Belver, a cerca de 170 quilómetros de Lisboa. O Tejo é um rio, por vezes tão violento, que nas cheias não haveria barragem que o pudesse aguentar; por isso, a barragem de Belver, da Hidro-Eléctrica Alto Alentejo, é constituída por comportas que, nas grandes violências da corrente, são todas içadas para suportes, deixando o Tejo indomável, correr livremente.

OS RUÍDOS

A SUA ACÇÃO SOBRE O ORGANISMO E A SUA
INFLUÊNCIA SOBRE A HIGIENE MENTAL

Os ruídos têm sempre uma influência, maior ou menor, sobre o organismo, especialmente sobre o ouvido e o sistema nervoso; se aumentam, destroem a atenção, prejudicando o raciocínio; se a pessoa está sujeita a ruídos frequentes, estes podem gerar um estado de espírito que só se pode combater pelo silêncio.

Inutilizando a atenção e a concentração do espírito, podem gerar um estado de irritação do sistema nervoso.

Ora, nos últimos anos, tem aumentado de tal forma o ruído que nos envolve, que já está provocando desarranjos do sistema nervoso para raciocinar, para se tomarem resoluções, desde as mais simples, da própria rotina familiar, até às de maior responsabilidade, como são as da administração, professorado, investigação, etc.

Actualmente estamos envolvidos pelos ruídos, de intensidade e de qualidade de sonorização mais variados, aumentados ainda pelos inerentes à nossa profissão, nos casos de engenheiros, directores de fábricas, estaleiros, etc. A soma de ruídos chega a ser tal, que ficamos surpreendidos quando se seguem alguns momentos de silêncio.

Os prejuízos da acção dos ruídos sobre o organismo têm aumentado de tal forma que obrigou a estudos especiais, feitos em vários centros, como em Nova Iorque, que é considerada como a «capital do ruído no mundo». O Professor Merloo, da «Escola Social de Investigações Psicológicas de Nova Iorque», resumiu as conclusões destes estudos, em um artigo que publicou na «Revista de Medicina e Higiene», de Lausanne, de 10 de Abril de 1968, do qual transcrevemos e comentamos algumas dessas conclusões:

Houve sempre pessoas que viveram períodos completamente afastados dos ruídos. Enquanto os eremitas, viviam isolados, para assim se poderem entregar à meditação sobre os ensinamentos e devoção da sua religião, os encarcerados, sobretudo em penitenciárias, viam-se obrigados a um isolamento que os afectava. Tal como o excesso de ruído pode provocar psicoses, o afastamento forçado dos contactos sociais, pode também originar perturbações nervosas ou mesmo psíquicas.

São raras hoje as situações em que uma pessoa se pode isolar; é quase impossível não nos vermos incluídos numa atmosfera de ruídos, da proveniência mais variada, desde o tráfego, dos camiões, dos autocarros, comboios, carros eléctricos, aviões, etc. a que se podem somar os ruídos da construção civil próxima, com os seus pilões, picaretas, martelagem, perfuradoras, a que se somam os ruídos dos aparelhos de rádio,

que alguns entusiastas desejam levar até longe (para que se saiba que têm um rádio poderoso).

Estes ruídos obrigam-nos a um estado constante de sujeição auditiva, que nos contraria ou irrita, exactamente por nos sujeitar a essa escrivão, introduzindo-se abusivamente nas nossas casas e contrariando a quietação necessária para raciocinar e trabalhar; este estado de espírito aumenta, quando ouvimos o ruído insólito das sereias apitando estrondosamente, que nos dão a impressão de desgraça, de uma travagem rápida, seguida de ruído gritante dos pneus na rua, das buzinas, etc. A todos estes ruídos que impedem um raciocínio, ajunta-se ainda a tirania do telefone, que interrompe súbitamente qualquer trabalho mental, para atender uma mensagem e frequentemente sem valor ou irritante.

A qualidade da música, também mudou. — A música dos homens primitivos, começou por ruídos, que a pouco e pouco aperfeiçoaram em vários ritmos; depois, durante alguns séculos, foram-se disciplinando e articulando esses ruídos, de forma a criar-se uma harmonia de sons, especializando-se em danças, marchas guerreiras ou melodias, conforme as razões da transformação; chegou-se assim até à música de Beethoven, Bach, Listz, etc., às óperas ou ao romantismo das operetas, das músicas de Strauss, etc. — Pois, durante os últimos quinze anos, tem-se feito um esforço para destruir toda esta conquista de séculos e retrogradar até aos ritmos primitivos! — Assim, a juntar a todos os ruídos a que nos referimos, somos hoje envolvidos por uma música barulhenta, que nos martela os ouvidos.

Nos próprios restaurantes, para satisfazer os viciosos do ruído e até nas nossas casas, já há pessoas que têm prazer com os ruídos do rádio às refeições. Habituarão-nos, não a conversar mas a gritar, para vencermos o ruído musical.

Nem de noite temos o sossego de que precisamos! — As paredes das casas são hoje muito delgadas, deixando passar os sons que nos vêm dos vizinhos; os canos de aquecimento, ou da circulação de águas ou despejos, incluídos nas paredes, transmitem as vibrações, às vezes ruidosamente. A estes sons juntam-se os sons das vozes ou dos ruídos dos vizinhos, que nos vemos obrigados a compartilhar, ouvindo à força as suas conversas, as suas disputas, os seus rádios, as suas crianças, etc. De noite, sobretudo, a passagem de viaturas pesadas, chega a abanar as casas. Há hoje uma osmose sonora, através das paredes, com os vizinhos e com a rua, que nos não deixa ter o sossego necessário do espírito. Uma senhora contou-nos que quando um vizinho espirrava, na sua casa, ela, automaticamente, dizia em voz alta «Deus o salve», o que fazia rir a família.

O ar é *poluído* pelo ruído. Chegamos a saber o que o vizinho faz, o que pensa, em virtude de uma multidão de amplificadores involuntários e pela osmose sonora.

Os nossos ouvidos vibram sem parar; há ruídos que se nos tornam familiares, mas há outros a que não conseguimos habituar-nos e que têm o condão de nos irritar.

É curioso verificar que os sons que nos lembram a nossa infância chegam a deliciar-nos, sobretudo quando representam uma música suave; o som dos sinos da nossa terra, a música de uma dança que dançámos, etc.; estas sonoridades contrastam com a intrusão dos ruídos modernos, das músicas ruidosas com ritmos selvagens, que nos martelam os ouvidos.

Quais serão os desastres futuros de repercussão destes ruídos e desta negação do silêncio, sobre o organismo? — O «stress auditivo» produz certamente um excesso de fadiga — a sensibilidade da análise dos sons, vai diminuir?

Alguns sons despertam reacções emotivas imperceptíveis. Se duram, prejudicam a audição progressivamente, podendo ser a causa de uma surdez, temporária ou definitiva.

Os últimos estudos demonstram que o ruído e as vibrações exercem influência sobre o ouvido, a pele, a mucosa gástrica e o cérebro; todos os órgãos reagem directamente ao ruído excessivo, por meio de congestão. Por outro lado, o nosso sistema vascular reage permanentemente contra os ruídos que põem o organismo em um estado de alerta; a pressão sanguínea aumenta; a actividade cardíaca ressentem-se. Estes fenómenos sobrevêm sempre, desde que o ruído atinge um certo grau, dependente mais ou menos da sensibilidade de pessoa e da sua tolerância para o ruído. Os veterinários conhecem a influência do ruído sobre os animais; por exemplo, uma cadela aterrorizada por uma detonação, acabou por matar os seus filhos!

O que é mais grave, é que o ruído não respeita o nosso sono; uma parte da nossa vida inconsciente que nos ajuda a resolver muitos problemas e nos poupa emoções violentas, fica frustrada pelos ruídos que a interrompem; a falta de um sono reparador e a insónia, repetindo-se e acentuando-se, pode levar-nos ao desespero e até ao suicídio.

A ciência e a prática ensina-nos que devemos combater certos ruídos; mas o público ainda não tem a consciência do perigo físico e mental que o ruído gera; em geral, as pessoas pensam que o ruído passa passivamente através do seu psiquismo, gerando uma cacofonia, que os não prejudica, o que é um erro.

No momento actual, o problema tecnológico é suprimir alguns ruídos e saber como se pode criar o silêncio em vez do ruído, neste século em que estamos submergidos pelos ruídos variados e em que o ruído vai aumentando progresivamente e reforçado com as deflagrações e as velocidades supersónicas.

Como nos poderemos defender? — Como nos poderemos isolar? — Estão a impor-se medidas de defesa constante e organizadas tanto sob o ponto de vista pessoal, como o da colectividade. Se nós conhecêssemos

melhor a psicologia do silêncio e os males que o ruído pode provocar, dedicar-nos-íamos ao estudo do problema e certamente surgiam as medidas necessárias.

O hábito que se cria, quando se vive frequentemente envolvido pelos ruídos diminui a sensibilidade da audição; por outro lado, o esforço que se faz para ouvir os outros quando a audição diminui, cria um estado permanente de ansiedade, que aumenta quando o canal auditivo está, ainda que ligeiramente impedido, pela segregação normal do cerúmen, quando este se acumula, o que se deve combater, sempre que exista um grau de surdez e, regularmente, como medida profilática, para evitar que a surdez aumenta e se instale definitivamente (1).

Os viciosos do ruído

A repetição constante das coisas que nos dão prazer, gera a sua necessidade; é assim que se cria o vício. Alguns desses actos chegam a princípio a ser desagradáveis, como o fumar, mas por bravata repete-se; é assim que se cria o vício do fumo, das bebidas alcoólicas, das comidas muito picantes, dos estupefacientes, etc. E foi assim que se criou ultimamente o «vício dos ruídos».

Chega a parecer impossível, mas há rapazes e raparigas que se habituaram a estudar, ouvindo uma *música de fundo* de rádio; procuram a atmosfera ruidosa de um café, para estudarem, o que é contrário à necessidade de concentração indispensável para fixarem; há pessoas que, durante as refeições ligam os aparelhos de rádio ou televisão, terminando com a afectividade das conversas em família ou em sociedade. Podem considerar-se, como os outros, uns verdadeiros doentes dominados pelo seu vício. O vício do ruído, como atrás dissemos, opõe-se à concentração, à modelação de uma conversa; passa a gritar-se alto, o que gera um incómodo que vai até à irritação; nos cafés, discute-se mais em vez de se conversar; as disputas surgem e as agressões são mais frequentes.

Estes viciosos do ruído e do ritmo, ganhariam muito em se curar. Os pais devem combater tanto quanto possível esta tendência dos jovens de hoje, que se reflecte sobre a forma como se dirigem, gritando, às pessoas de família e tanto pode prejudicar o seu psiquismo futuro.

CURIOSIDADES

- A árvore que possui as folhas mais compridas é a palmeira «inaja», que cresce nas margens do Amazonas. Algumas delas chegam a atingir 12 metros por 3 de largura.

(1) Esta defesa faz-se com o Otoceril, cujo uso se tem alargado muito. Há muitas mães que, na defesa da audição dos filhos, fazem regularmente a limpeza do seu canal auditivo com o Otoceril.

A BRONQUITE CRÓNICA E A «INCAPACIDADE PARA O TRABALHO»

O aumento dos casos de bronquite crónica, ainda que não seja muito sensível no nosso país, nem aqui atinja a gravidade que está tomando nos países do norte e centro da Europa, mais frios e húmidos, está preocupando os serviços de saúde desses países, onde é uma causa importante de invalidez ou de ausências frequentes no trabalho.

O prognóstico tem-se agravado, sobretudo nos casos em que o sintoma principal é a dificuldade de respiração, a «dispneia», casos que, em geral, acabam por atingir o coração, desde que se repitam.

As estatísticas de mortalidade por bronquite crónica, mostram as seguintes percentagens por cada 1.000 habitantes: — Em França, cerca de 4, na Bélgica, 17,5 na Alemanha 16 e na Itália 21,5.

A percentagem nos casos de doença é mais elevada nos trabalhadores manuais, especialmente nos que estão expostos às intempéries. Uma estatística feita pelo «Dr. Paul Sadoul» e publicada na revista «Evolution Medicale», feita sobre 207 bronquíticos crónicos, que foram observados por este médico durante muitos anos e que em muitos casos tinham dispneia, mostrou as seguintes percentagens:

Empregados de escritório — 13 %

Trabalho leve, abrigado — 26,5 %

Trabalho pesado, exposto às intempéries — 50 %

A idade de predilecção das bronquites crónicas é, indiscutivelmente depois dos 50 anos. Esta doença é mais frequente nos homens do que nas mulheres, em uma proporção de cerca de uma mulher para cada 8 ou 10 homens. Têm influência, o uso do tabaco, o alcoolismo e os casos de pobreza.

O Dr. Sadoul insiste na observação da expiração nestes doentes que, no caso de insuficiência, devem ser particularmente vigiados.

A incapacidade profissional e as faltas ao trabalho

Em uma siderurgia, na Lorena verificou-se que as faltas ao trabalho dos operários bronquíticos eram o dobro das dos outros empregados em outros sectores da empresa; os períodos de ausência daqueles operários, eram mais longos do que os dos outros e os sintomas eram mais graves, sobretudo as recaídas; nas recaídas, aumenta a quantidade da expectoração purulenta, a elevação da temperatura e a dificuldade da respiração.

Justifica-se portanto o maior número de dias de doença, não só por ser mais grave, como ainda pela fraqueza geral provocada nos casos de dispneia, fadiga que aumenta nos casos em que o trabalho foi retomado cedo de mais, sobretudo quando o trabalho é violento e, mais ainda, ao ar livre.

Muitas vezes é possível autorizar alguma actividade profissional até um estado muito avançado da bronquite crónica e assim, as pessoas podem ainda ocupar lugares em relação com as suas possibilidades físicas. Quando a bronquite crónica não provoca a invalidez total para o trabalho, este pode ser mantido, ainda que reduzido, até chegar ao período de grande insuficiência respiratória, que é incompatível com o trabalho, não só porque este não é remunerador, como ainda porque está a abreviar a vida do doente.

A incapacidade para o trabalho de um bronquítico crónico é frequentemente mal avaliada e geralmente subestimada. Se se trata de um trabalhador alcoólico, pouco dedicado ao trabalho, exposto às intempéries ou a atmosferas profissionais mais ou menos irritantes e em que o operário que chegou à conclusão de que a sua bronquite crónica pode ser um motivo para faltar ao trabalho, não é raro conseguirem dos médicos de boa fé, a concordância com as suas queixas, pois que se lhes apresentam dispneicos, a tossir e, mesmo que tenham um acesso febril, estão sempre pouco desejosos de retomarem o trabalho; os conflitos entre o médico e estes doentes, quando o médico se recusa a satisfazer os seus pedidos prolongados de incapacidade, não são raros.

Referindo-nos aos *verdadeiros* doentes, de boa fé; quando os seus brônquios se irritam com facilidade, é necessário defenderem-se da exposição às mudanças bruscas de temperatura e, sobretudo depois dos 40 anos é aconselhável reforçarem as defesas normais do organismo, tomando a vitamina C e, quando têm tendência para recaídas, a vitamina C associada à rutina, porque como os acessos são sempre acompanhados de um estado congestivo, a rutina, não só potencia a acção da vitamina C, como ainda combate a fragilidade dos vasos, que provocam as hemorragias da garganta, dos brônquios, do nariz e dos pulmões e, outras ainda mais graves, como as da retina e as do cérebro ⁽¹⁾.

É conveniente tomar qualquer xarope desinfectante, não só para combater a tosse, como para fazer a desinfecção dos brônquios e pulmões, evitando assim as complicações das bronquites (bronco-pneumonias, tuberculose, etc.) ⁽²⁾.

CURIOSIDADES

- O pão mais antigo do mundo foi encontrado nas ruínas de Pompeia, onde estava enterrado há 2.000 anos.
- O abuso do sal na comida é prejudicial à saúde. Só precisamos de 4 gr. de sal por dia, distribuídas entre os vários alimentos.
- A cidade de Veneza, na Itália, é construída sobre 177 ilhas, ligando-as entre si.

⁽¹⁾ É aconselhável o Rutinicé Fortíssimo, que é uma associação da Vitamina C (0,50 gr. por comprimido) à rutina.

⁽²⁾ O Xarope Labsan combate a tosse e é fortemente desinfectante.

O SINDROMA «HIPPIE»

Os «hippies» entraram no domínio da patologia do sistema nervoso. O Dr. Merloo dedica-lhes um artigo publicado na revista «*Medicine et Hygiene*», de 26 de Novembro último, que transcrevemos:

«A origem da palavra «hippie» provém sem dúvida da palavra «hip» (anca) e «hipped» (palavra do calão americano, que significa obediado, hipocôndrico); «hipped» tem também o significado «estropiado» ou «agressivo ou dissoluto».

Mas esta palavra perdeu finalmente a sua primitiva significação e hoje só serve para exprimir o fazer parte de um grupo que fala o mesmo «calão».

Sempre fez parte do universo da juventude a conquista da Utopia. Os hippies, nisto, não diferem de todos estes sonhadores que acreditam em uma vida comunitária idílica, à parte das complicações técnicas das regras de viver no mundo.

Mas estes rebanhos de sonhadores modernos transportam, com a sua pobreza sacrosanta de ideais, o gosto pelos estupefacientes, má alimentação e costumes que geram as hepatites. Esta desorganização do organismo leva-os a acessos de violência esporádica, que se manifestam, apesar dos seus princípios de não-violência, entre os hippies e as pessoas menos «idealistas».

Nos Estados Unidos, eles têm o seu quartel-general no bairro de Haight Ashbury, em S. Francisco, que atrai os jovens e os revoltados.

Às vezes eles vão procurar muito longe a sua «terra prometida», em países como o Nepal; este ano parece terem predilecção pela região de Taos, no Novo-México; compraram ali terrenos, de que fizeram o seu «El Dorado». — Para onde vão, são acompanhados de uma atmosfera psíquedélica (imagens, sons, vestidos) tais como as tatuagens mágicas das tribus primitivas. Respeitam o seu ritual, dão flores aos que passam, e organizam festas amorosas, com uma música hipnótica e com um fundo de guitarras e violas, cantam lamúrias sobre a sociedade.

Seria falso considerar este movimento de protesto dos jovens sob o ponto de vista psiquiátrico somente, ainda que estejam no caminho das psicoses e dos furores metanfetamínicos que vão até ao assassinato. É chocante a verificação da tolerância do grupo para o comportamento anormal e evidente de alguns dos seus membros; é esta certamente uma razão pela qual tantos psicóticos ou delinquentes se sentem bem nesta comunidade acolhedora. Mas a atmosfera desta sociedade paradisíaca, muda rapidamente quando a alimentação é difícil, quando uma rapariga teima em respeitar a sua virgindade ou, pelo menos, a querer um só homem.

Muitos dos que sofrem a atracção do magnetismo da cultura hippie viviam já, anteriormente, em conflito perpétuo com os seus pais ou com outra autoridade restritiva, ou com a polícia.

A vaga, que aumenta progressivamente entre os jovens, é uma epidemia psíquica, mistura de um idealismo de ternura e de tendências violentas para a destruição. A sua instituição é a rejeição de todas as instituições sociais contemporâneas (família, comunidade, universalismo, tradição, existência de ideologias e, em geral, da civilização). — O seu fim é transformar a ordem no caos, sem razões profundas. Ingenuamente, reclamam transformações e renovações sem base nem programas. Querem que ouçam as suas opiniões... sem as saberem formular, porque não têm programas ou são simples aspirações não concretizadas nem realizáveis; querem que se ouça a sua opinião... sem terem opiniões concretas a expor. A necessidade, que dizem ter, de uma comunidade perfeita, não são capazes de a formular, o que demonstra a sua própria impotência e a imperfeição humana. Sem dúvida que alguns estão conscientes vagamente, de algumas razões para protestar; mas que fariam eles num mundo suicidário.

É como se eles escapassem à realidade que nos ameaça e se se abandonassem ao mecanismo infantil da auto-destruição, fugindo para a passividade em frente da impotência.

O Dr. Merloo diz que teve ocasião de observar muitos destes jovens que não podiam desembaraçar-se da amizade hippie. Tinham fugido da escola para os centros hippies, para procurar encontrar os tempos messiânicos e a liberdade sexual; mas caíram em uma escravatura múltipla (da droga, do sexo, da exploração comercial e dos seus próprios *slogans*); atravessaram meses ou anos de «fuga», mas perderam a energia que lhes permitia voltar aos seus estudos e de preparar um trabalho construtivo, útil para si e para o seu país, ou para o mundo; assim, mais do que nunca, se encontraram como vencidos em um mundo, sem finalidade.

O que é facto é que a vaga de protesto mazoquista e de rebelião auto-destruidora invadiu o mundo; é uma das consequências da liberdade irracionalizada. A garantia da liberdade e de expressão de uma pessoa, implica a liberdade de escutar para os outros. O que é então a liberdade de contágio mental? O que é necessário é definir os limites das liberdades patogénicas...

○ Rutinicê Fortissimo

é uma associação da rutina a uma dose elevada de vitamina C (0,50), que protege as artérias.

A dose normal é de 4 comprimidos por dia, por doses de 2 de cada vez. Durante as epidemias é conveniente tomar 3 doses de 2 comprimidos.

ÚLTIMOS ESTUDOS SOBRE A PSICOLOGIA COLECTIVA

IX

O «INSTINTO GREGÁRIO» E A INTERACÇÃO DAS «VAGAS DE IMITAÇÃO»

No decurso deste estudo, tratámos detalhadamente dos vários elementos de formação da *psicologia colectiva*, ou das *multidões*. No último artigo estudámos a *Imitação*, a *Aprendizagem*, a *Opinião* e a *Adaptação*, características da personalidade. Vamos continuar a estudar a *Imitação*, como instinto gregário, base da *psicologia colectiva* (1).

O instinto gregário

M. Trotter considera o instinto gregário da imitação como um dos instintos primários, ligados à sobrevivência do homem, mais do que o da conservação e o da nutrição.

As atitudes sociais que depois surgem, estão em grande parte em relação com a necessidade da *segurança*.

Esta gregaridade nata é, segundo a opinião de *Trotter*, «uma manifestação da tendência libidinosa, que todos os seres vivos, com uma constituição idêntica, têm para formarem unidades, sucessivamente mais vastas».

O indivíduo sente-se «incompleto» quando está isolado; esta solidão exprime-se na criança, pela angústia.

A teoria dos «*libidos*», aplicada ao instinto gregário, aproxima-se da da «*função de simpatia*», da atracção animal, que determina os fenómenos fisiológicos próprios da colectividade.

Segundo *Freud*, o homem é, mais do que um animal gregário, um «animal de horda», isto é, um elemento que faz parte de um rebanho conduzido por um chefe; se o chefe desaparecer, se a horda perdeu o objecto que deve imitar, dá-se uma desintegração, o «*pânico*».

Colocar-se em oposição a uma multidão, pode ser perigoso e para assegurar a sua segurança, cada um tem de proceder como os outros. Na obediência a uma nova autoridade, deve fazer calar a «*voz da consciência*»; um indivíduo, quando faz parte de uma multidão, pratica e aprova coisas com que ele não concordaria nas condições normais da sua vida.

(1) Estes estudos são baseados no trabalho do *Dr. G. Dingemans*, de Lausanne, publicado na *Revista de Medicina e Higiene*, de Out-Nov. de 1966.

Freud pôs em destaque as duas multidões artificiais mais extremas, que são a Igreja e o Exército. As grandes cerimónias religiosas espectaculares, os cânticos cantados em multidão, as grandes concentrações de peregrinos, condicionam certos estados místicos, mesmo as conversões e talvez fenómenos miraculosos, que não poderiam surgir de simples meditações solitárias.

No ambiente militar, sobretudo na excitação particular que precede e depois acompanha os combates e ainda na que lhes sucede, o homem é capaz de praticar actos de heroísmo ou, pelo contrário, excessos de sadismo ou de deboche, que nem sequer seria capaz de pensar na sua vida particular ou social. Para definir as características das multidões, *Gustave le Bon* classificou uma «alma colectiva», alma que faz sentir, pensar e actuar o indivíduo, de uma forma inteiramente diferente daquela que ele sentiria, pensaria e poria em execução se estivesse isolado.

As duas principais transformações a que é sujeita uma pessoa incluída em uma multidão são, segundo *Le Bon*, o «sentimento de uma força invencível» e a perda do «sentimento da responsabilidade pessoal», o que lhe permite pôr em liberdade, sem qualquer freio, os seus instintos mais profundos, todos os que a civilização transformou ou dominou completamente.

É por esta razão que *Le Bon* descreve a «multidão» como uma *massa impulsiva, móvel, obedecendo à imitação; cruel, covarde e, às vezes, pelo contrário, nobre e heróica*, mas quase sempre guiada pelo inconsciente, em que o racismo só tem uma influência ligeira. Actuando sem premeditação, não suportando qualquer adiamento entre o desejo e a sua realização, mas incapaz de uma vontade perseverante, extremista e sem senso crítico, diz *Le Bon*, «a multidão é, naturalmente, caracterizada pela primariedade extrema das acções que pratica».

Interacção das vagas de imitação

Este aspecto de uma «multidão infantilizada, crédula e influenciável, contrasta com a descrição de *Bouthoul* que define a sua acção como sendo «geralmente amorfa, conciliante, um bom público dificilmente levado a comover-se ou a mover-se».

Esta diferença de opiniões entre estes dois eminentes sociólogos, provém de que *Le Bon* considera a multidão em uma situação de *sugestionabilidade*, enquanto *Bouthoul* é de opinião que, em geral, é difícil colocar a multidão em estado de fácil sugestibilidade; este estado só se consegue em condições muito particulares.

No entanto, seja qual for a causa, desde que a multidão se põe em movimento, será muito difícil controlá-la. Ela fica ligada ao fenómeno da «interacção das vagas de imitação».

Tarde mostrou que uma colectividade se encontra normalmente interessada por muitos «centros de imitação». Se estes forem compatíveis, resulta uma adaptação mútua (imitações acumuláveis ou resultantes); mas se forem incompatíveis, resultará um conflito e a destruição de um ou muitos «objectivos a imitar».

A escolha que fará a consciência colectiva será, como sabemos, guiada normalmente pelo balanço, favorável ou desfavorável, que fornecerá a confrontação das combinações diferentes dos factores imitáveis. Pode admitir-se que, muitas vezes, a deliberação é de natureza consciente ou inconsciente e que os resultados, aparentemente ilógicos, paradoxais, ou mesmo nocivos ao conjunto do grupo, podem ser explicáveis por uma psicologia freudiana (interferência de recordações colectivas, tendências hereditárias ocultas, etc.).

Por vezes pode suceder que, em dado momento, um objectivo a imitar possa ter prioridade sobre as atitudes imitativas anteriores e, a necessidade de satisfazer uma necessidade imediata, pode fazer deslocar para um plano secundário os usos e costumes tradicionais; este estado psicológico representa um «estado revolucionário» de ruptura brutal com o passado.

No entanto, a *imutabilidade* de uma *mentalidade*, isto é, a *força dos hábitos adquiridos* é suficientemente poderosa para ter geralmente uma prioridade em relação à atracção de uma inovação. Esta deve ter para o homem, uma importância verdadeiramente considerável, em geral uma questão de vida ou de morte, para determinar a libertação do movimento espontâneo.

Com efeito, ao «*instinto gregário*», analisado por Trotter é necessário juntar o «*instinto de conservação*» que *Le Bon* considera irreductível nas multidões que, como em todos os homens primitivos, têm um «aspecto fetichista» para as tradições e um «horror inconsciente» para as novidades capazes de modificar as condições de existência a que estão habituados.

É esta a razão pela qual se distingue bem, uma psicologia das multidões, que é diferente da psicologia das sociedades, pelo seu carácter *provisório* (de influência primária) que a classifica, em relação ao de *permanência* (de influência secundária) que é própria da psicologia das sociedades.

Existe no entanto, entre estas duas psicologias, um denominador comum, instrumento de acção fundamental, que é a «Sugestão». Derivada da função da imitação, inerente a toda a natureza animal, a «*sugestionabilidade*» é o motor primordial de toda a sociologia dinâmica.

O estudo que temos feito, já nos faz compreender o problema da «psicologia dinâmica e as suas relações com a sociologia». Continuaremos a desenvolver este problema, com um estudo, no próximo artigo, sobre a mentalidade, pessoal e colectiva.



A MEDICAÇÃO INTESTINAL MAIS EFICAZ E
MAIS INÓCUA É A REALIZADA COM OS BACI-
LOS LÁCTICOS, SIMPLES OU ASSOCIADOS.

Lactosimbiosina

Comprimidos — *Cultura pura de b. lácticos
levedura de cerveja
extracto de malte*

Líquida — *Cultura pura de b. lácticos
extracto de malte
(frs. de 100 grs.)*

Concentrada — *Cultura pura de b. lácticos
extracto de malte
(cxs. de 10 ampolas bebi-
veis de 10 cc.)*

Vitasimbiosina

*Lactosimbiosina líquida,
associada às Vitaminas
B₁, B₂, B₆, PP e Pantotenato
de Cálcio
(em frs. de 100 cc.)*

Concentrada — *(em cxs. de 10 ampolas
bebíveis)*

Ftalilsimbiosina

*Comp. de Lactosimbiosina
associados a 0,10 de Fta-
lilsulfatiazol
(frs. de 50 comp.)*

Amostra à disposição dos Ex.^{mos} Médicos

Penampla

Penicilina de amplo espectro,
activa por via oral e parenteral

A Penampla representa o regresso da penicilina à posição cimeira entre os antibióticos maiores.

O seu grau de eficácia comprovativa pode exprimir-se

em **3** PONTOS
BASILARES

- 1.º — Tão activa contra os cocos Gram-positivos e Gram-negativos, como a Penicilina G e, portanto, mais activa do que qualquer outro antibiótico.
- 2.º — Activa contra a maioria dos germes Gram-negativos em grau, pelo menos equivalente ao dos antibióticos de amplo espectro mais eficazes.
- 3.º — Bactericida, em vez de bacteriostática.

Conclui-se, portanto,
que Penampla constitui o maior dos
'antibióticos maiores'

O seu valor farmacológico relativo pode deduzir-se

dos **3** PONTOS
FUNDAMENTAIS

- 1.º — É estável no suco gástrico e bem absorvida por via digestiva.
- 2.º — Ao aumento das doses ministradas corresponde aumento proporcional dos níveis sanguíneos. A concentração máxima obtém-se em volta das 2 horas e mantém-se cerca de 6 horas sem decréscimo apreciável.
- 3.º — É talvez de todos os antibióticos o que tem menos tendência a acumular-se nos tecidos.
 - a) A sua concentração na urina é 300 vezes mais elevada do que no sangue.
 - b) A sua concentração na bilis é 300 vezes mais elevada do que no sangue.
 - c) 98 % do antibiótico é eliminado 8 horas após a ministração.

Requisitar literatura ao Laboratório Sanitas